

# Terapia ocupacional e farmacodependência: categorização e atualização das publicações nacionais

## Occupational therapy and pharmacodependence: categorization and update of national publications

## Terapia ocupacional y farmacodependencia: clasificación y actualización de publicaciones nacional

*Daniela Carraro Antoniassi\**

*Juliana Aureana Leal\*\**

*Solange Aparecida Tedesco\*\*\**

**RESUMO:** Esta pesquisa tem por finalidade atualizar e sistematizar as publicações sobre dependência química e terapia ocupacional. Realizou-se um embasamento histórico, conceitual e epidemiológico da farmacodependência, assim como suas abordagens terapêuticas. O objetivo desta atualização é organizar e descrever categorias temáticas derivadas dos artigos nacionais publicados sobre esta problemática e correlacionar com os apontamentos teóricos e procedimentais encontrados na literatura de terapia ocupacional nesta clínica. A seleção de artigos foi feita por meio de pesquisa em base de dados científica, e as categorias criadas a partir da frequência dos temas "comportamento de risco" e "prejuízos e danos biopsicossociais". Obtivemos como resultado oito artigos, sendo que um abordava o uso de drogas entre adolescentes grávidas; quatro discutiam o uso entre estudantes, tanto em nível fundamental e médio, quanto em nível superior; um trazia a relação entre uso de substâncias psicoativas e transtornos psiquiátricos; e dois sobre usuários de drogas injetáveis e sua estreita relação com o HIV. O estudo demonstra que a intervenção da terapia ocupacional, descrita na literatura especializada com essa população, se fundamenta principalmente na aplicação e desenvolvimento de estratégias que facilitem oportunidades de trocas e da ampliação de possibilidades, sendo o fazer seu instrumento de ação. Concluímos que apesar de todos os prejuízos e danos que o uso de substâncias psicoativas pode acarretar na vida do sujeito, essa ainda é uma prática freqüente e é acompanhada por comportamentos de risco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terapia ocupacional. Transtornos relacionados ao uso de substâncias-terapia. Transtornos relacionados ao uso de substâncias-reabilitação.

**ABSTRACT:** This research aims to update and systemize publications on chemical dependence and occupational therapy. This is a historical, conceptual and epidemiological study of pharmacodependence, as well as of its therapeutic approaches. The aim of this update is to organize and to describe thematic categories derived from national articles published about this problematic and to correlate data found with theoretical and procedural proposals found in the literature of occupational therapy in this clinic. Articles selection was done by means of surveys in scientific databases, and the categories were created according to the frequency of the themes "risk behavior" and "bio-psychosocial damages and losses". We found eight articles, one of them approaching the use of drugs by pregnant adolescent girls; four discussed drug use among students, both of the elementary and secondary levels and the university level; one approached the relationship between use of psychoactive substances and psychiatric disturbances; and two were about users of injectable drugs and its close relationship with HIV. The study demonstrates that occupational therapy intervention, described in specialized literature regarding this population, is based mainly on the application and development of strategies that facilitate opportunities of exchanges and broaden possibilities, and action is their work tool. We conclude that despite all damages and losses psychoactive substances use can cause to the life of the subject, still it is a frequent practice that is followed by risk behaviors.

**KEYWORDS:** Occupational therapy. Disturbances related to substance use-therapy. Disturbances related to substance use-rehabilitation.

**RESUMEN:** Esta investigación intenciona la actualización y sistematización de las publicaciones acerca de la dependencia química y la terapia ocupacional. Es un estudio histórico, conceptual y epidemiológico de la farmacodependencia, así bien de sus acercamientos terapéuticos. La meta de esta actualización es organizar y describir las categorías temáticas derivadas de artículos nacionales publicados sobre esta problemática y correlacionar los datos encontrados con las propuestas teóricas y procesales encontradas en la literatura de la terapia ocupacional en esta clínica. La selección de los artículos fue hecha por medio de exámenes en bases de datos científicas, y las categorías fueron creadas según la frecuencia de los temas "comportamiento de riesgo" y "daños y pérdidas biopsicosociales". Encontramos ocho artículos: uno de ellos acercaba al uso de drogas por muchachas adolescentes embarazadas; cuatro discutían el uso de drogas entre estudiantes, de los niveles elementales y secundarios y universitario; uno acercaba a la relación entre el uso de sustancias psicoactivas y los disturbios psiquiátricos; y dos trataban de los usuarios de drogas inyectables y de su relación cercana con el virus del SIDA. El estudio demuestra que la intervención de la ocupacional, descrita en la literatura especializada respecto a esta población está basada principalmente en el uso y el desarrollo de estrategias que faciliten oportunidades de intercambios y ensanchen posibilidades, y la acción es su herramienta de trabajo. Concluimos que a pesar de todos los daños y pérdidas que el uso de las sustancias psicoactivas puede causar a la vida del sujeto, esta sigue siendo una práctica frecuente que es acompañada por comportamientos de riesgo.

**PALABRAS LLAVE:** Terapia ocupacional. Disturbios relacionados con la utilización de sustancias psicoactivas-terapia. Disturbios relacionados con la utilización de sustancias psicoactivas-Rehabilitación.

\* Terapeuta ocupacional. Aperfeiçoamento em Reabilitação Física pela AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente. Terapeuta ocupacional do setor de Terapia Ocupacional Infantil da AACD. E-mail: daniantoniassi@yahoo.com.br

\*\* Terapeuta ocupacional. Especializada em Terapia Ocupacional em Saúde Mental do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP. E-mail: jualeal@gmail.com

\*\*\* Terapeuta ocupacional. Mestre em Saúde Mental pela UNIFESP/EPM. Doutoranda em Ciências da Saúde da UNIFESP. Coordenadora do curso de especialização em Terapia Ocupacional em Saúde Mental do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP. Docente do Centro Universitário São Camilo. E-mail: sotedesco@uol.com.br

## Introdução

A busca por estados alterados da consciência e o uso de substâncias psicoativas pelo homem é milenar, o que difere esse uso ao longo do tempo é a relação que o homem estabelece com a substância e o propósito do seu uso. Segundo Olievenstein (1988), o uso de drogas seria “a mais antiga aventura do ser humano: a busca de uma ética espiritual e um aumento do conhecimento de si mesmo”. Desta forma podemos dizer que a relação com as substâncias vêm se transformando de acordo com as mudanças culturais, sociais e morais da sociedade e dos períodos históricos que o homem vive.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1969, definiu dependência química como:

Estado psíquico e às vezes igualmente físico, resultante da interação entre um organismo vivo e uma substância que se caracteriza por mudanças de comportamento e outras reações, compreendendo sempre um impulso para tomar a substância de modo contínuo ou periódico, com o objetivo de reencontrar seus efeitos psíquicos e às vezes evitar o sofrimento de sua falta. Este estado pode ou não ser acompanhado de tolerância. Um mesmo indivíduo pode ser dependente de várias substâncias simultaneamente.

A partir das definições de dependência química podemos notar que esse fenômeno ocorre nos indivíduos que apresentam prejuízos de ordem física, psíquica e social, diferenciando-se assim, daqueles que fazem uso esporádico ou mesmo abuso de substâncias. Silveira (1995) observa essa diferenciação:

Tanto para o usuário recreativo quanto para o dependente a droga é fonte de prazer, porém para o dependente ela passou

a desempenhar papel central em sua organização, ocupando lacunas importantes e tornando-se indispensável ao funcionamento psíquico do sujeito.

Segundo a OMS existem critérios diagnósticos que devem ser analisados, sendo que o indivíduo deve apresentar pelo menos três deles no último ano de uso. Os critérios são (Ballone, 2006): Forte desejo ou compulsão para usar a substância; dificuldade em controlar o consumo da substância, em termos de início, término e quantidade; presença da síndrome de abstinência ou uso da substância para evitar o aparecimento da mesma; presença de tolerância; abandono progressivo de outros interesses ou prazeres em prol do uso da substância; persistência no uso, apesar das diversas conseqüências danosas.

Tanto o uso abusivo quanto o crônico podem levar a prejuízos importantes para o indivíduo, como afirma Ballone (2006):

Além do uso agudo de drogas modificar o funcionamento cerebral de forma crítica, momentânea e aguda, o consumo prolongado pode causar alterações bastante abrangentes na função cerebral, alterações estas que persistem por muito tempo depois da pessoa parar com o uso da substância.

Além dos danos orgânicos e psíquicos, a dependência pode abranger a vida social do indivíduo prejudicando o desempenho na escola, no trabalho, relacional e, muitas vezes, com a lei, pois: “A dependência se torna única referência estável e perene configurando-se como única lei possível. As leis da nossa cultura simplesmente deixam de existir enquanto código para muitos dos dependentes”. (Silveira, 1995)

Existem algumas abordagens para o tratamento da dependência química, porém nenhuma delas

pode ser entendida como um “remédio” que curará a “doença”. Nos tratamentos é considerada a individualidade do sujeito que tem uma história de vida particular, comprometimentos físicos singulares e vivências em ambiente social e cultural diferentes. (CRUZ, 2006)

Alguns programas de tratamento foram surgindo, na medida em que a demanda de pacientes foi aumentando. O grupo de apoio AA (Alcoólatras Anônimos) foi fundado em 1940, nos Estados Unidos, com o propósito de ajuda, já que seu grupo é composto por dependentes químicos reabilitados e em reabilitação. O AA caracteriza a dependência como um vício relacionado a falhas de caráter que devem ser assumidas pelo indivíduo e tem como premissa que é uma doença crônica, progressiva, incurável e fatal. O tratamento do AA se baseia na teoria dos “Doze Passos” e visa abstinência total. O NA (Narcóticos Anônimos) segue a mesma linha de tratamento do AA. (D.A.S.A., 2006)

## Epidemiologia

O último levantamento epidemiológico feito pelo CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, em 2004, sobre o consumo de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino no Brasil, aponta para a urgência em se traçar ações de prevenção e controle sobre o uso dessas substâncias.

Dentre os mais de 48 mil estudantes entrevistados, 12,7% dos alunos entre 10 e 12 anos já fizeram uso na vida (uso em pelo menos uma vez na vida) de alguma substância e esse número sobe para 23,1% na faixa entre 13 e 15 anos. O percentual também é elevado entre 16 e 18 anos, chegando a quase 30% dos quase 10 mil alu-

nos dessa faixa etária. (Galduróz et al, 2005)

Outro dado importante é a alta prevalência do uso na vida das drogas lícitas, como álcool e tabaco, entre todas as faixas etárias e mostrando pouca diferença quanto ao sexo. Entre 10 e 12 anos é de 41,2% para álcool e 7% para tabaco, e entre 16 e 18 anos a porcentagem cresce drasticamente, sendo 80,8% para álcool e 39,7% para tabaco. Para essas substâncias os percentuais por sexo são de 64,5% para homens e 66,3% para mulheres no caso do álcool e 25,2% para homens e 24,7% para mulheres no caso do tabaco. A terceira substância com maiores percentuais de uso na vida são os solventes com 15,5%, seguido da maconha, com 5,9%. (Galduróz et al, 2005)

Já sobre o uso frequente (uso da droga em 6 ou mais vezes nos 30 dias que antecederam a pesquisa) os percentuais são menores, porém não menos alarmantes. O álcool e o tabaco têm 11,7% e 3,8%, respectivamente, seguidos dos solventes, 1,5% e da maconha, 0,7%. (Galduróz et al, 2005)

O SENAD (Secretaria Nacional Antidrogas) realizou em 2001 um levantamento sobre o uso de substâncias psicotrópicas nas 107 maiores cidades do Brasil, envolvendo mais de 47 mil pessoas (41,3% da população total do Brasil na época) e com idades entre 12 e 65 anos.

Essa pesquisa também apontou para o alto consumo de substâncias lícitas (álcool e tabaco), sem menosprezar a prevalência do uso das ilícitas. Estima-se que cerca de 11,2% da população entrevistada é dependente de álcool e 9% de tabaco. A prevalência das drogas ilícitas também é alta, sendo que 6,9% dos entrevistados disseram já ter feito uso na vida de maconha e 5,8% de solventes.

É interessante observar os altos índices de uso das substâncias ore-

xígenas (estimulantes de apetite) com 4,3% e 1,5% das anorexígenas (inibidoras de apetite). A cocaína aparece com 2,3% de prevalência sobre uso na vida.

Esses estudos mostram como é grave o quadro de drogadição no Brasil, principalmente entre a população jovem, e corroboram no que diz respeito à necessidade em se criar medidas de prevenção e controle sobre esse uso, a fim de reduzir esses números.

### A Terapia Ocupacional

Segundo a WFOT – *World Federation of Occupational Therapists* (1993), a Terapia Ocupacional visa atender as demandas do ambiente de trabalho, social, pessoal e doméstico dos indivíduos que por um déficit, temporário ou permanente, apresentam alguma dificuldade nesses aspectos. Esta dificuldade pode ser uma incapacidade física ou mental e a Terapia Ocupacional busca o restabelecimento ou o máximo uso de suas funções, proporcionando a participação na vida em todo sentido.

Entende-se, então que a terapia ocupacional tem por objetivo a busca da autonomia, da independência e a qualidade de vida tendo como instrumento de ação as atividades da vida cotidiana, que somente podem ser ditas terapêuticas quando são realizadas “[...] em um contexto em que exista uma terapeuta ocupacional e alguém que a busque para fazer terapia ocupacional [...]”. (Tedesco, 1996, p. 94)

Na clínica da farmacodependência, sendo o indivíduo adicto o sujeito alvo da ação da TO, é importante compreendermos como esse sujeito é entendido por ela e a partir disso entender sua intervenção.

O sujeito toxicômano é um sujeito que se destituiu do fazer em todas suas possibilidades e se focou no uso da substância. É um indi-

víduo que “fala muito e nada faz. Fala muito sobre um único assunto: sua paixão e horror pela droga [...]. Mesmo estando abstinente o indivíduo continua falando sobre a droga”. (Tedesco, Benetton, 1996, p. 96).

Tedesco (1995) citando Silveira diz que “o processo de articulação da vida entra em colapso quando o adicto percebe que não pode mais viver sem a droga e paradoxalmente, não pode mais viver com ela”.

Portanto, a TO procura meios de “estabelecer um sistema de trocas, não só de produtos realizados por mãos que antes eram usadas só para se drogar, mas também aqueles de conteúdos afetivos vividos nessa relação de construções”. (Tedesco, Benetton, 1996, p. 99). É a busca por significação e possibilidades em outros fazeres da vida, que não se drogar.

Muitos são os artigos publicados sobre o uso de substâncias psicotrópicas, entretanto não há uma categorização de seus assuntos mais prevalentes e sobre a relação com a intervenção da Terapia Ocupacional. Logo, esse estudo tem por objetivo geral atualizar e descrever as categorias temáticas dos artigos nacionais publicados sobre farmacodependência e correlacionar com os apontamentos encontrados na leitura das intervenções da terapia ocupacional nesta clínica. Os objetivos específicos são: analisar as publicações científicas sobre Terapia Ocupacional na clínica da farmacodependência; levantar os pontos principais estudados nessas publicações; analisar os artigos científicos publicados em farmacodependência no período de janeiro a setembro de 2006; descrever as categorias temáticas associadas aos apontamentos clínicos e correlacionar com a clínica da terapia ocupacional.

## Metodologia

Em um primeiro momento foi feita pesquisa nas bases de dados BIREME, LILACS e MedLine, com palavras chave: terapia ocupacional cruzada com farmacodependência; dependência química; toxicodependência; abuso de substâncias e drogas, limitando à publicações nacionais, sem limite de ano da publicação.

As demais referências de textos de terapia ocupacional utilizadas no trabalho foram retiradas de capítulos específicos de terapia ocupacional pertencentes a livros que abordam a farmacodependência sob diversos vértices, não especificamente livros de Terapia Ocupacional. Os outros artigos foram obtidos durante a formação acadêmica das autoras.

A segunda pesquisa foi realizada nas mesmas bases de dados da anterior, com palavras chave: dependência química; toxicodependência; abuso de substâncias; farmacodependência e drogas, limitando a publicações nacionais e no ano de 2006, no período de janeiro a setembro.

### Categorização

A partir da leitura e análise dos artigos selecionados sobre farmacodependência e do levantamento dos pontos mais discutidos nas publicações de terapia ocupacional, retiramos fragmentos que atendam às categorias "Comportamento de risco" e "Prejuízos e/ou danos biopsicossociais" criadas pelas autoras, a fim de facilitar a visualização dos mesmos.

### Comportamento de risco

Utilizamos como critério de seleção os fragmentos dos artigos selecionados que abordassem os seguintes temas, que segundo Tedesco (1997) se enquadram como sendo fatores de risco: roubo, prostituição e marginalidade. Também

compreendemos por fatores de risco: dirigir embriagado, compartilhar seringas, prática de sexo sem proteção e múltiplos parceiros sexuais.

### Prejuízos e/ou danos biopsicossociais

Nessa categorização utilizamos como critério de seleção os fragmentos que abordassem, nos artigos escolhidos, os prejuízos a saúde, agravos de sintomas, ausência ou diminuição de frequência no trabalho e na escola, deterioração das relações familiares e sociais e qualquer outro aspecto que influencie negativamente na vida ocupacional do sujeito.

Em um primeiro momento foi feita pesquisa nas bases de dados BIREME, LILACS e MedLine, com palavras chave: terapia ocupacional cruzada com farmacodependência; dependência química; toxicodependência; abuso de substâncias e drogas, limitando à publicações nacionais, sem limite de ano da publicação.

As demais referências de textos de terapia ocupacional utilizadas no trabalho foram retiradas de capítulos específicos de terapia ocupacional pertencentes a livros que abordam a farmacodependência sob diversos vértices, não especificamente livros de Terapia Ocupacional. Os outros artigos foram obtidos durante a formação acadêmica das autoras.

A segunda pesquisa foi realizada nas mesmas bases de dados da anterior, com palavras chave: dependência química; toxicodependência; abuso de substâncias; farmacodependência e drogas, limitando a publicações nacionais e no ano de 2006, no período de janeiro a setembro.

### Resultados

Obtivemos em nossa pesquisa nas bases de dados citadas na meto-

dologia, oito artigos publicados sobre farmacodependência no Brasil, em 2006, sendo que um abordava o uso de drogas entre adolescentes grávidas; quatro discutiam o uso entre estudantes, tanto em nível fundamental e médio, quanto em nível superior; um trazia a relação entre uso de substâncias psicoativas e transtornos psiquiátricos, e dois sobre usuários de drogas injetáveis e a estreita relação com o HIV. Desses, quatro foram publicados na língua portuguesa e quatro na língua inglesa.

A partir de nossa leitura e análise dos artigos sobre farmacodependência, pudemos perceber a ocorrência freqüente de dois assuntos: os comportamentos de risco adotados pelos usuários de drogas e os prejuízos e danos que esse uso acarreta na vida do sujeito.

A seguir, traremos fragmentos dos artigos lidos que estarão descritos nas duas categorias já mencionada na metodologia.

### Comportamentos de risco

Conforme apontado por Ferreira et al (2006), há uma estreita relação entre uso de drogas e práticas sexuais desprotegidas com conseqüente aumento do risco de infecção de DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), incluindo o HIV. O uso do sexo como forma de sustentação do vício e o compartilhamento de materiais para uso de drogas injetáveis, também são mencionados como fatores de risco e estão apresentados nos fragmentos seguintes.

[...] mudanças na dinâmica da transmissão do HIV com aumento da freqüência de comportamentos sexuais sem proteção, além da complexa interrelação entre práticas sexuais de risco e consumo de drogas. (Ferreira et al, 2006)

Como condição para financiar o consumo, os usuários de droga

se submetem a práticas sexuais sem proteção incluindo relações sexuais (freqüentemente desprotegidas) em troca de dinheiro, drogas ou outras mercadorias. (Ferreira et al, 2006)

Deste modo, homens que fazem sexo com homens (HSH) usuários de drogas e HSH usuários de drogas injetáveis (UDIs), com redução do tempo de uso de droga injetável e padrão de experimentação de diferentes substâncias e vias de administração constituem uma particular população de grande risco para diferentes DSTs, incluindo HIV. (Ferreira et al, 2006)

Tais relações sexuais ocasionais com o sexo oposto foram caracterizadas de risco, sendo que um terço dos entrevistados usaram preservativos nessas relações sexuais, 56% informaram fazer sexo para obter drogas e 41,9% informaram invariavelmente estarem sob o efeito de drogas durante tais relações. (Ferreira et al, 2006)

Uma maior proporção de HSH UDIs já compartilharam equipamentos de drogas injetáveis e deram ou pegaram emprestado agulhas e/ou seringas nos últimos 6 meses ou receberam equipamentos previamente usados. (Ferreira et al, 2006)

UDIs tem um papel ainda mais relevante na dinâmica HIV/AIDS quando considerado o risco de transmissão dos UDIs infectados para seus parceiros sexuais e descendentes. Além disso, comportamentos de uso de drogas injetável, como iniciação do uso, compartilhamento de materiais injetáveis e o tipo de droga usada têm contribuído para a disseminação do HIV e manutenção da epidemia no Brasil. (Ferreira et al, 2006)

A premissa foi que 56,6% dos udis não tinham conhecimento de sua sorologia [...]. (Ferreira et al, 2006)

[...] definindo o desconhecimento da sorologia como infectados os udis que nunca fizeram um teste de HIV ou nunca voltaram para saber os resultados dos testes. (Ferreira et al, 2006)

Este estudo mostrou que uma significativa proporção de udis desconhecem seu status de HIV, dentre esses, durante o estudo, 40% foram diagnosticados como HIV positivo, salientando uma grande disseminação do vírus na população estudada como conseqüência de diferentes atitudes e comportamentos de risco incluindo falta de cuidado pela própria saúde. (Ferreira et al, 2006)

Um comportamento de risco encontrado em Mitsuihiro et al, 2006, foi o uso de drogas entre gestantes que pode resultar em complicações tanto para o feto quanto para a mãe.

“[...] o uso de drogas ilícitas por adolescentes grávidas é um fato interessante. Isso ocorre em conseqüência do fato que há evidências consistentes na literatura científica que este comportamento pode causar complicações tanto para o feto quanto para a mãe.”

Lucas et al (2006) discorre sobre o comportamento dos universitários usuários de substâncias psicotrópicas sob seu efeito e sobre o fato de se sentirem imunes aos seus efeitos e prejuízos.

“[...] Entre os eventos ocorridos após beber, 4,7% do total de estudantes indicaram haver brigado, 2,4% haviam sofrido algum acidente, 47,3% haviam dirigido, 33,7% faltado às aulas e 11,8% faltado ao trabalho.

Sendo o álcool e o tabaco as drogas de uso mais difundido na sociedade, e até estimulado, principalmente no caso do álcool, não surpreende alta prevalência de seu uso pelos estudantes, embora estes, paradoxalmente, estejam conscientes dos seus efeitos prejudiciais, conforme se depreende da opinião de 92% dos estudantes sobre o álcool e de 95,7% sobre o tabaco. Esses estudantes se enquadram em um grupo que se sente protegido dos efeitos das drogas por possuírem conhecimento científico sobre as mesmas [...]”

Em seu estudo sobre comorbidades psiquiátricas e o uso de substâncias, Zaleski et al (2006) apontaram que indivíduos que já possuem algum transtorno psiquiátrico podem agravar sua situação ou mesmo iniciar o uso de substâncias na tentativa de minimizar os sintomas da própria doença, além da maior dificuldade em abandonar o uso.

“[...] Os resultados mostraram que os ataques de pânico e as fobias estavam associados com um aumento da gravidade e pior prognóstico para o alcoolismo, e que o abuso e dependência de álcool foi mais freqüente em homens com pânico e agorafobia que *usavam o álcool para controlar os sintomas de ansiedade* (grifo nosso).

Existe a hipótese de que os indivíduos ansiosos acabam por usar o álcool como uma forma de automedicação, o que acaba por agravar o transtorno ansioso primário.”

#### Prejuízos e/ou danos biopsicossociais

Silva et al (2006) aponta como o uso de drogas pode trazer conseqüências negativas para o sujeito,

não só no presente momento, mas como para a posteridade, “o abuso de drogas é uma preocupação [...] em função de sua alta frequência e dos prejuízos sociais, psíquicos e biológicos, com possíveis conseqüências no futuro dos usuários”.

Os fragmentos que seguem ilustram alguns prejuízos e danos apontados por diferentes autores em seus estudos com usuários de drogas.

Ferreira et al (2006), traz a doença infecciosa como conseqüência negativa do uso. Assim como Mitsuhiro et al (2006), que relaciona a exposição à determinada substância em gestantes, causando seqüelas nos neonatos.

“[...] dados recentes sugerem que novas infecções em HSH estão associadas ao uso de drogas ilícitas, tanto como um fator determinante ou (em uma perspectiva mais sutil) como moduladores de práticas sexuais sem proteção.” (Ferreira et al, 2006)

[...] estudos recentes mostram que a exposição pré-natal a maconha está associada com lesões da região pré-frontal do cérebro.” (Mitsuhiro et al, 2006)

Nos próximos fragmentos aparecem os prejuízos e danos na vida ocupacional do sujeito usuário de drogas e o fato de focarem suas atividades sociais e pessoais para o uso da droga.

Os autores Silva et al (2006), Pizzol et al (2006) e Lucas et al (2006) fizeram levantamento sobre a situação dos estudantes em relação ao uso de substâncias psicoativas. Obtiveram como resultado dados que corroboram com o fato dessas substâncias serem danosas em diferentes níveis da vida do sujeito.

“[...] Foi observado que usuários de tabaco e drogas dedicam mais tempo em atividades socioculturais e menos tempo em atividades acadêmicas quando

comparados com não usuários.” (Silva, 2006)

“Estudantes que fumam praticam menos esportes [...].” (Silva, 2006)

“[...] estudantes que usam drogas ilícitas informaram praticar menos atividades em casa [...].” (Silva, 2006)

“[...] Usuários de álcool, tabaco e drogas ilícitas, nos últimos doze meses, perderam proporcionalmente mais aulas do que aqueles que não usaram essas substâncias neste período.” (Silva, 2006)

“[...] as atividades acadêmicas dos estudantes podem ser negativamente afetadas pelo uso de tais substâncias. Tais efeitos negativos variam da não aprovação até menor dedicação aos estudos fora da sala de aula, que podem ser observados pela menor frequência de visitas à biblioteca.” (Silva, 2006)

“[...] usuários de drogas ilícitas têm mais tempo livre durante os fins de semana, possivelmente em conseqüência a menor dedicação aos estudos acadêmicos.” (Silva, 2006)

“[...] aumento do uso de tabaco e drogas e estudantes informando se sentirem mais cansados, estressados, deprimidos ou em festas.” (Silva, 2006)

De um modo geral, o uso de substâncias psicoativas acarreta problemas de saúde, educacionais e sociais, tais como dependência, ausência no trabalho ou escola, deterioração das relações familiares, dificuldades de inclusão social, predisposição ao crime e à violência, entre tantos outros. (Pizzol, 2006)

Em relação aos eventos ocorridos com os estudantes após o uso de álcool, o mais citado foi dirigir, seguido de falta à escola,

falta ao trabalho, envolvimento em brigas ou em algum acidente. (Lucas, 2006)

“[...] participação de álcool chegava a 43-51% dos casos de agressão, 40-50% das mortes em acidentes de trânsito, e era a principal droga envolvida nos cerca de 13% de atendimentos hospitalares emergenciais relacionados com uso de drogas.” (Lucas, 2006)

Já Zaleski et al (2006), discutem o agravo que o uso de drogas pode acarretar em indivíduos com uma situação de transtorno pré-estabelecida.

“[...] Há evidências de que mesmo o uso infrequente e de pequenas doses de drogas, legais ou ilegais, podem levar o indivíduo com transtornos mentais graves a conseqüências mais sérias do que as vistas na população geral e está associados a mais efeitos negativos ligados aos transtornos mentais.

Pesquisas demonstram que a maioria dos pacientes alcoolistas comórbidos com tabagismo morre de causas relacionadas ao tabagismo [...].”

## Discussão

A atualização e categorização proposta neste estudo procuram ampliar a discussão sobre as interfaces da terapia ocupacional nas clínicas das dependências químicas.

Em nossa pesquisa sobre Terapia Ocupacional cruzada com farmacodependência e seus termos derivados, obtivemos apenas uma referência de artigo publicado em base de dados, o que comprova a escassez de publicações literárias neste campo.

Entretanto, nos materiais utilizados neste estudo, levantamos, além da intervenção clínica da TO, dois pontos significantes que

aparecem como preocupação de intervenção com os dependentes químicos: os comportamentos de risco apresentados por eles e os prejuízos e danos que o uso de tais substâncias pode acarretar para os mesmos nas diferentes esferas de suas vidas ocupacionais.

Esses pontos que observamos na literatura de terapia ocupacional são também recorrentes nas publicações gerais sobre farmacodependência. Nessas publicações são abordados os comportamentos de risco adotados por populações específicas de cada estudo, assim como os prejuízos e danos decorrentes do uso, o que gerou as duas categorias utilizadas nesta pesquisa. Os dados epidemiológicos trazidos no decorrer do trabalho comprovam os achados nas publicações.

Sendo que o fazer desses indivíduos está prejudicado, a terapia ocupacional intervém exatamente nesse âmbito da vida do sujeito: o fazer. É através da relação terapeuta-sujeito-atividades, base do processo terapêutico, que o terapeuta ocupacional fundamenta sua intervenção e busca oportunidades de trocas e de experiências positivas, gerando assim uma ampliação das trocas pessoais e sociais.

### Considerações finais

Este estudo representa um panorama presente na literatura nacional em terapia ocupacional: as práticas não estão sendo amplamente descritas na literatura. Poucas experiências e programas são descritos, porém, os artigos apresentados são ricos em detalhes

procedimentais e na apresentação do raciocínio clínico.

Notamos, a partir dos dados colhidos, que há uma preocupação nos artigos na análise e descrição dos prejuízos e limitações do comportamento aditivo. As avaliações do fazer e do comportamento ocupacional apontam para a redução no cotidiano e seus afazeres, há piora das relações familiares e diminuição das práticas de lazer saudável. A representação desta limitação na vida social, psíquica e produtiva do sujeito caracteriza uma população alvo para as intervenções em terapia ocupacional.

Portanto, se faz necessário desenvolver e ampliar a produção e investigação das intervenções da terapia ocupacional na clínica da farmacodependência.

## REFERÊNCIAS

- Araújo MR, Moreira FG. História das drogas. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. Panorama atual de drogas e dependências São Paulo: Atheneu; 2006. p.9-14.
- Organização Mundial de Saúde. CID – 10. 8ª. ed. São Paulo: Edusp; 2000. p.313-4.
- Crepeau EB, Neistadt ME. Terapia ocupacional. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002.
- Cruz MS. Internação *versus* tratamento ambulatorial. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. Panorama atual de drogas e dependências São Paulo: Atheneu; 2006. p.113-22.
- Dias JC, Pinto IM. Substâncias psicoativas: classificações, mecanismos de ação e efeitos. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. Panorama atual de drogas e dependências São Paulo: Atheneu; 2006. p.39-52.
- DSM-IV - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4ª. ed. rev. Porto Alegre: Artmed; 2002. p.207-25.
- Escobar JCS. A Perspectiva psicanalítica. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. Panorama atual de drogas e dependências São Paulo: Atheneu; 2006. p.217-21.
- Ferreira AD et al. Injecting drug users who are (un) aware of their HIV serostatus: findings from the multi-center study AjUDE-Brasil II. Cad Saúde Pública 2006 abr; 22(4):815-826.
- Ferreira AD et al. Perfil de usuários de drogas injetáveis brasileiros do sexo masculino que têm relação sexual com homens. Cad Saúde Pública 2006 abr; 22(4):849-60.
- Formigoni ML, Quadros IMH. A psicologia das dependências. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. Panorama atual de drogas e dependências São Paulo: Atheneu; 2006. p.31-38.
- Galduróz JCF et al. Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras, 2004. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas; 2005.
- Lacks V, Julião A. Transtornos relacionados ao uso de drogas: avaliação diagnóstica e uso de instrumentos de avaliação psiquiátrica. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. Panorama atual de drogas e dependências São Paulo: Atheneu; 2006. p.59-66.
- Lima AS, Fuks J. Grupo: uma alternativa de tratamento Viável? In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. Panorama atual de drogas e dependências São Paulo: Atheneu; 2006. p.240-8.

- Lucas ACS et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2006 mar; 22(3):663-671.
- Mitsuhiro SS et al. Teenage pregnancy: use of drugs in the third trimester and prevalence of psychiatric disorders. *Rev Bras Psiquiatr.* 2006;28(2):122-5.
- Niel M, Julião A. Conceitos gerais, avaliação diagnóstica e complicações clínicas. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. *Panorama atual de drogas e dependências* São Paulo: Atheneu; 2006. p.135-41.
- Olivenstein C. *A droga: droga e toxicômanos*. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense; 1988.
- Pizzol TSD et al. Uso não-médico de medicamentos psicoativos entre escolares do ensino fundamental e médio no Sul do Brasil. *Cad Saúde Pública* 2006 jan; 22(1):109-15.
- Rojas MDFM, Suzuki A, Oliveira MPMT. Oficinas terapêuticas. In: Silveira DX, Moreira FG, organizadores. *Panorama atual de drogas e dependências* São Paulo: Atheneu; 2006. p.249-54.
- Saraceno B. *Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Te Corá/Instituto Franco Basaglia; 2001.
- Silva LER et al. Factors associated with drug and alcohol use among university students. *Rev Saúde Pública* 2006;40(2).
- Silva ML, Frère AF, Oliveira HAD. Desenvolvimento de computadores como atividade terapêutica no tratamento de dependentes químicos. Mogi das Cruzes: Núcleo de Pesq. Tecnol., Lab. de Dispositivos Assistenciais UMC; 2004.
- Silveira Filho DX, Gorgulho M. *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1996.
- Silveira Filho DX. *Drogas – uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1995.
- Tedesco AS. Os procedimentos da terapia ocupacional como facilitadores no acolhimento e tratamento de adolescentes usuários de substâncias químicas. *Rev Centro Estudos Terapia Ocupacional* 2002;7(7).
- Tedesco AS. Terapia ocupacional: produzindo uma clínica de atenção às dependências. *Rev Centro Estudos Terapia Ocupacional* 1997;2(2):16-9.
- Tedesco AS, Benetton J. A questão da independência e dependência sob o vértice da terapia ocupacional. In: Silveira Filho DX, Gorgulho M. *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1996.
- Tedesco AS. A prática da terapeuta ocupacional em farmacodependência: brincando na roda de fogo. *Rev Centro Estudos Terapia Ocupacional* 1995;1:50-2.
- Teixeira E et al. *Terapia Ocupacional na reabilitação física*. São Paulo: Roca, 2003
- Zaleski M et al. Diretrizes da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas (ABEAD) para o diagnóstico e tratamento de comorbidades psiquiátricas e dependência de álcool e outras substâncias. *Rev Bras Psiquiatr.* 2006;28(2):142-8.

### PESQUISA EM INTERNET:

- Al-Anon. Disponível em: <<http://www.al-anon.org.br/12passos.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2006.
- Ballone GJ. PsiqWeb. Dependência Química. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/gballone/psicossomatica/drogas.html>>. Acesso em: 31 jul. 2006.
- D.A.S.A. Dependentes de Amor e Sexo Anônimos Disponível em: <[http://www.slaa.org.br/br/conheca\\_dasa/12passos.htm](http://www.slaa.org.br/br/conheca_dasa/12passos.htm)>. Acesso em: 31 jul. 2006.
- IMESC - Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo. Disponível em: <<http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/Overdose.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2006.
- SENAD. Disponível em: <[http://www.cebrid.epm.br/levantamento\\_brasil/index.htm](http://www.cebrid.epm.br/levantamento_brasil/index.htm)>. Acesso em 20 set. 2006

*Recebido em 22 de fevereiro de 2008*  
*Versão atualizada em 6 de março de 2008*  
*Aprovado em 31 de março de 2008*